

O DE 2004

EDUCAÇÃO

Grandes EDUCADORES

DA E OBRA
O MAIS
FLUENTE
UCADOR
ASILEIRO, EM
XTO DO FILÓSOFO
ARIO SERGIO
ORTELLA

Paulo Freire

A EDUCAÇÃO
DA ESPERANÇA

929
E26
2004 / Ex.01 F000173

EDITORA SEGMENTO

EXEMPLAR É PARTE INTEGRANTE DA REVISTA EDUCAÇÃO Nº 85 E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

EDUCAÇÃO

"Ninguém aprende sozinho."
(Paulo Freire)

A COGEAE ensina e aprende com e para você.

Desde 1983, a COGEAE investe e acredita no poder transformador da educação. Continuada. Permanente. De qualidade. A educação que amplia horizontes, harmoniza valores e vivências, ilumina e faz as pessoas crescerem e desabrocharem em sua essência. Como indivíduos, cidadãos e profissionais, preparados e compromissados em desempenhar melhor seus papéis na sociedade.

COGEAE PUC-SP
O seu Centro de Referência em Educação Continuada.

COGEA
PUC • SP
DESDE 1983

ESPECIALIZAÇÃO
APERFEIÇOAMENT
EXTENSÃO E RESPEI

Informaçõe
(11) **3873-31**
info@cogeae.pucs
www.cogeae.pucs

RB-20.998
FARN
BIBLIOTECA
Nº Reg F000173
03 03 05

PONTIFÍCIA
UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SÃO PAULO

Paulo Freire e a sedução da esperança

Mario Sergio Cortella*

Paulo Freire (1921-1997) foi uma pessoa encantadora nas múltiplas acepções que esse adjetivo carrega. Encantava as pessoas (no sentido de enfeitiçá-las) com sua figura miúda (grande por dentro), seu sotaque pernambucano (jamais abandonado) e sua barba bem-cuidada (herança profética).

Seu maior poder de encantar tinha, no entanto, outra fonte: uma inesgotável incapacidade de desistir. De algumas pessoas se diz que são incapazes de fazer o mal, são incapazes de matar uma mosca, são incapazes de ofender alguém. Paulo Freire sofria (felizmente para nós) dessa outra incapacidade: não perdia a esperança.

Cabe perguntar: esperança em quê? Na reinvenção do humano, na necessidade de inconformar-se com as coisas no modo como estão. Dizia ele que *"uma das condições fundamentais é tornar possível o que parece não ser possível. A gente tem que lutar para tornar possível o que ainda não é possível. Isso faz parte da tarefa histórica de redesenhar e reconstruir o mundo"*.

Tarefa histórica era uma expressão muito usada por Paulo Freire. Ora, de quem recebera ele essa tarefa? De si mesmo, na sua relação com o mundo real; sua consciência ética apontava sempre como imperativa a obra perene da construção da felicidade coletiva.

Ele encarnou, como poucos, um dos ideais da Grécia clássica que dizia ser a *eudaimonia* o objetivo maior da política (da vida na *polis*); literalmente *eu*/bem + *daimonia*/espírito interior, significaria *paz de espírito*, mas sua tradução oferece um ótimo trocadilho em português: *felicidade* e, também, *feliz/cidade*.

"Quando a gente diz: 'a luta continua',
significa que não dá para parar.
O problema que a provoca está aí presente.
É possível e normal um desalento.
O que não é possível é que o desalento vire
desencanto e passe a imobilizar."

Paulo Freire
Julho, 1991

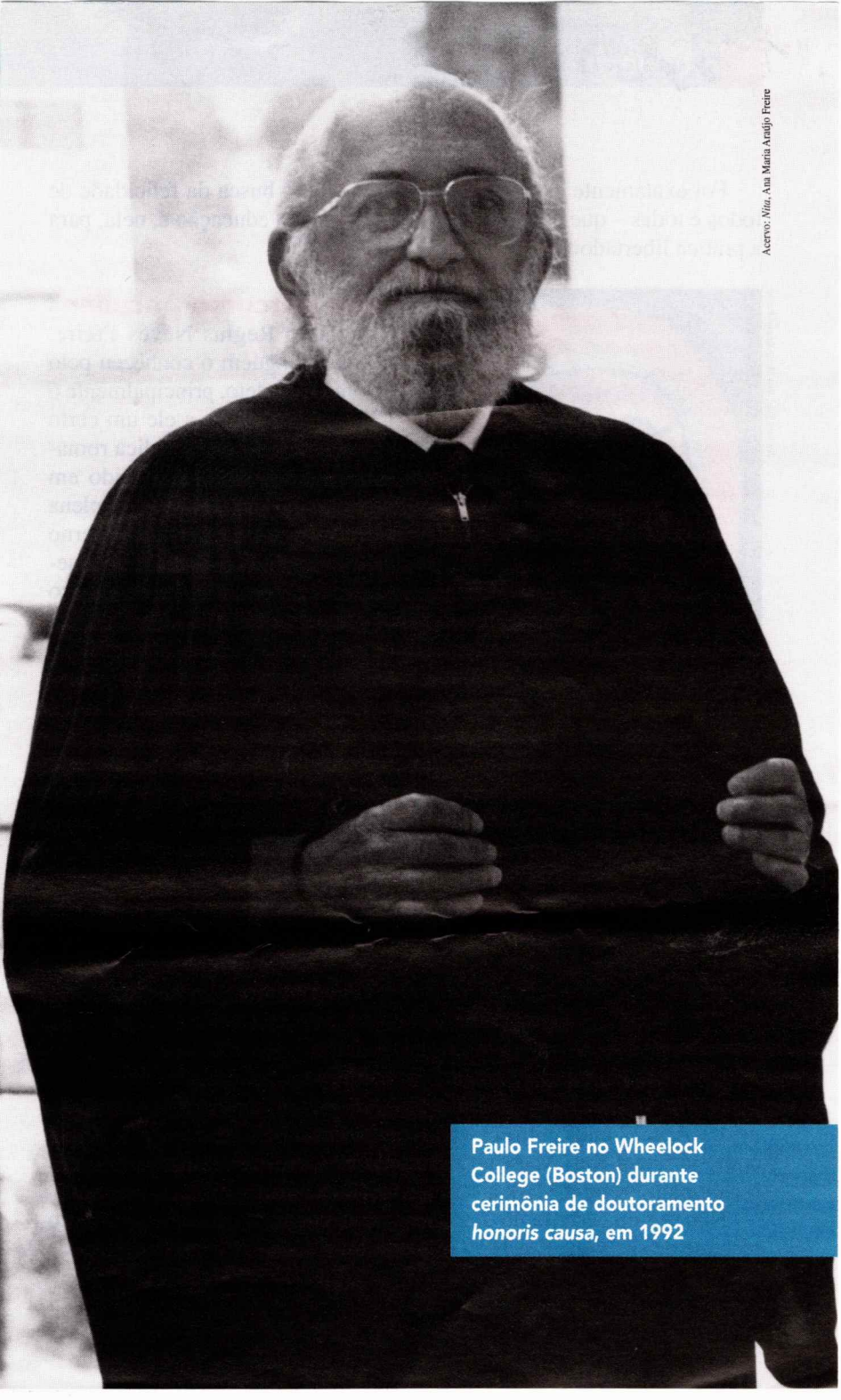


Criador de um método revolucionário de educação de jovens e adultos, Paulo Freire é um dos brasileiros mais reconhecidos no exterior. Em se tratando de um país que tem uma massa de 30 milhões de analfabetos funcionais, um educador da magnitude de Freire é algo que realmente se deve celebrar.

Este mês, completam-se sete anos sem a presença gentil e pedagógica do Mestre. Conhecer sua trajetória – nascido em família de classe média, subitamente empobrecida, de Recife (PE) – e o contexto histórico no qual sua metodologia foi criada e conduzida é essencial para qualquer educador, principalmente àqueles que acreditam na autonomia e na liberdade.

Se, por um lado, a atualidade de suas idéias demonstra o vigor de sua obra, por outro, e ele mesmo concordaria, desmascara como o Brasil ignorou seus ensinamentos. Tivéssemos, de fato, colocado em prática sua pedagogia, teríamos hoje um país menos inculto e mais justo.

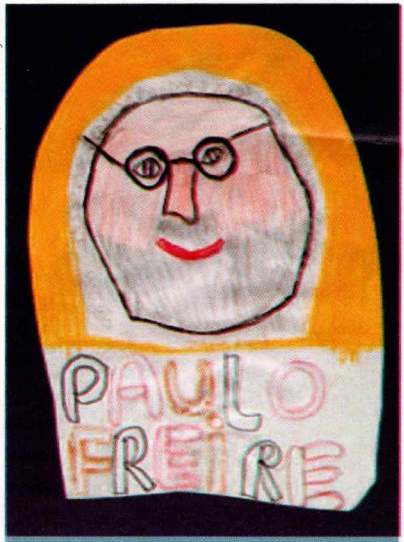
Setenta e sete anos se passaram desde que Paulo Freire pisou em uma sala de aula pela primeira vez, como aluno, e, 17 anos depois, como docente. A realidade educacional do país mudou pouco ou quase nada, desde então. O maior de nossos mestres teria muito que fazer hoje – e o faria, com convicção e ternura, paciência e paixão. Nossa sorte é que homens como ele nunca vão embora: permanecem vivos em nossa memória. Ninguém esquece o professor mais querido.



Acervo: *Nita*, Ana Maria Araújo Freire

Paulo Freire no Wheelock College (Boston) durante cerimônia de doutoramento *honoris causa*, em 1992

Foi exatamente esse ideal – a política como busca da felicidade de todos e todas – que conduziu Paulo Freire para a educação e, nela, para a prática libertadora.



Acervo: Nita, Ana Maria Araújo Freire

Desenho feito pela neta de Nita Freire, Marina Hasche, alguns dias após a morte de Paulo Freire, em 1997

Um percurso peculiar

Paulo Reglus Neves Freire. Quase ninguém o conheceu pelo nome completo, principalmente o Reglus, que dava a ele um certo ar de senador da república romana da Antiguidade. Nascido em Recife (PE), em 1921 (em plena República Velha e sob o governo de Epitácio Pessoa), em 19 de setembro (quatro dias após outro Paulo, o Evaristo Arns, ter vindo ao mundo em Santa Catarina, com quem sua vida entrecruzou-se mais tarde), foi assim nomeado pelo pai, Joaquim Temístocles, e pela mãe, Edeltrudes.

Embora, na origem, viesse de uma família de classe média, sofreu o primeiro percalço aos 10 anos de idade quando, subitamente empobrecida (atropelada que foi pela famosa Crise de 1929), a família mudou-se para Jaboatão, uma cidadezinha periférica na capital pernambucana e, três anos após, ficou órfão de pai. Viveu momentos profundos de pobreza e dor, mas soube incorporá-los positivamente em sua obra posterior.

Só conseguiu prosseguir na escolarização e concluir o secundário porque foi agraciado com sucessivas bolsas de estudo (e porque, aos 17 anos, começou a dar aulas de português, idioma que tão bem soube manejar). Aos 22 anos entrou para a Faculdade de Direito do Recife e, tal como já fizera Karl Marx no século XIX, tornou-se advogado (poucos relacionam Freire e Marx a essa profissão).

Não seguiu carreira no direito; mergulhou na atividade docente pelo restante de sua vida. Em 1959 obteve, por meio de concurso, o título de

doutor em filosofia e história da educação, ao qual se somaram 43 títulos de doutor *honoris causa* pelo mundo afora (38 deles recebidos em vida e os outros por sua viúva, profa. dra. Ana Maria Araújo Freire), cidadão honorário em 11 cidades, nome de mais de uma centena de escolas e 26 centros de estudos e documentação (por todo o globo), inúmeras cátedras e seis prêmios internacionais. Paulo Freire é o brasileiro mais laureado no exterior e, para completar, ainda publicou dezenas de obras (escritas sempre à mão), traduzidas também em dezenas de idiomas. E mesmo que não tivesse familiaridade com computadores, há mais de 1 milhar de sites na internet que analisam seu trabalho.

Toda essa trajetória foi permeada por envolvimentos progressivos com as políticas públicas: aos 26 anos, já casado com a professora primária Elza Maria Costa Oliveira (com quem teve cinco filhos e com quem viveu até 1986, quando da morte dela), passou a trabalhar, também, com educação de adultos, ao ser nomeado diretor do setor de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria (Sesi) – onde ficou por dez anos (nos três últimos como superintendente).

Em 1956, tornou-se integrante do Conselho Consultivo de Educação do Recife e, cinco anos depois, diretor da Divisão de Cultura da Secretaria Municipal de Educação. Em 1963, o governador Miguel Arraes o nomeou como membro do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco e, logo a seguir, o presidente João Goulart o encarregou do Programa Nacional de Alfabetização (extinto, em abril de 1964, pelo governo militar).

Quando o golpe militar eclodiu, Paulo Freire estava em Brasília. Seus vínculos com uma política progressista o tornariam um alvo fácil da sanha conservadora de alguns golpistas. Ficou escondido na capital federal por 30 dias, voltou para Recife e ficou preso em um quartel por 75 dias. De seu tempo de clausura, guardou uma das histórias que ele mais gostava de contar: depois de alguns dias na prisão, foi procurado por um oficial que disse a ele haver muitos recrutas analfabetos no quartel e, sendo ele um professor, se poderia alfabetizá-los; resposta óbvia de Paulo Freire: "Mas, meu filho, é exatamente por fazer isso que estou preso!"

Constrangido a ir, por duas vezes, ao Rio de Janeiro para responder a Inquérito Policial Militar (IPM), Paulo Freire sentiu estar correndo risco de morte; pediu abrigo na embaixada boliviana e, aos 43 anos (também no seu natalício setembro), foi para a Bolívia. Nela não ficou nem dois meses, pois ocorreu um golpe de Estado e ele partiu para o Chile.

Paulo Freire (agora com a família) ficou no Chile até 1969, atuando como assessor do Ministério da Educação chileno e consultor da Unesco. Dali, foi como professor convidado para a Universidade de Harvard (ensinar sobre si mesmo) e, em 1970, aceitou o convite do Conselho Mundial de Igrejas para ser Consultor Especial do Departamento de Educação em Genebra, na Suíça (tornando-se, ainda, professor na Universidade de Genebra). Nessa nova atividade, percorreu todos os continentes e colaborou com dezenas de países (exceto o Brasil, no qual estava proibido de entrar), principalmente os recém-independentes na África.

Em 1979, pôde voltar ao Brasil e, corajosamente, declinou das credenciais que o governo suíço lhe oferecera para sua imunidade. À convite de D. Paulo Evaristo Arns, começou a lecionar na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) – de 1980 até 1997 – e, por dez anos, na Unicamp. Em 1988, casa-se com Ana Maria Araújo (de quem houvera sido amigo de infância e orientador no mestrado em educação da PUC-SP).

No mesmo ano do seu novo casamento, Luiza Erundina foi eleita prefeita da cidade de São Paulo pelo Partido dos Trabalhadores (do qual Paulo Freire é um dos fundadores). A primeira pessoa a quem ela convidou para compor o governo foi exatamente ele, que, de pronto, aceitou – com o compromisso de ficar por dois anos, organizar o trabalho e a equipe e, depois, poder voltar a escrever e fazer conferências livremente.

Ficou de 1º de janeiro de 1989 até 27 de maio de 1991 como secretário Municipal de Educação de São Paulo. Saiu, deixando um "manifesto à maneira de quem, saindo, fica" e nele escreveu: *"Não estou, rigorosamente, saindo da Secretaria Municipal de Educação ou mesmo deixando a companhia de vocês. Nem tampouco renegando opções políticas e ideológicas antigas, anteriores à criação do PT. Não imaginava sequer que o PT aconteceria, na minha juventude, mas sentia muita falta de sua existência. Esperei por mais de quarenta anos que o PT fosse criado. (...) Não estou deixando a luta, mas mudando, simplesmente, de frente."*

Nessa mudança de frente, sem deixar a luta, ele ficou ensinando, escrevendo, conversando, orientando, ou seja, ajudando a tecer a felicidade, até 2 de maio de 1997, quando o corpo dele morreu.

Como todo aquele seduzido pela esperança, Paulo Freire também amava a poesia e, certa vez, quando voltava para Genebra, após receber o *Prêmio Alfabetização*, da Unesco, escreveu este poema nas costas do cardápio da Swissair e o entregou ao educador Francisco Gutiérrez:

CANÇÃO ÓBVIA

"Escolhi a sombra de uma árvore para meditar
no muito que podia fazer enquanto te esperava
quem espera na pura esperança
vive um tempo de espera qualquer.

Por isso enquanto te espero
trabalharei nos campos e dialogarei com homens, mulheres e crianças
minhas mãos ficarão calosas
meus pés aprenderão os mistérios dos caminhos
meu corpo será queimado pelo sol
meus olhos verão o que nunca tinham visto
meus ouvidos escutarão ruídos antes despercebidos
na difusa sonoridade de cada dia.

Desconfiarei daqueles que venham me dizer
à sombra daquela árvore, prevenidos
que é perigoso esperar da forma que espero
que é perigoso caminhar
que é perigoso falar...
porque eles rechaçam a alegria de tua chegada.

Desconfiarei também daqueles que venham me dizer
à sombra desta árvore, que tu já chegaste
porque estes que te anunciam ingenuamente
antes te denunciavam.

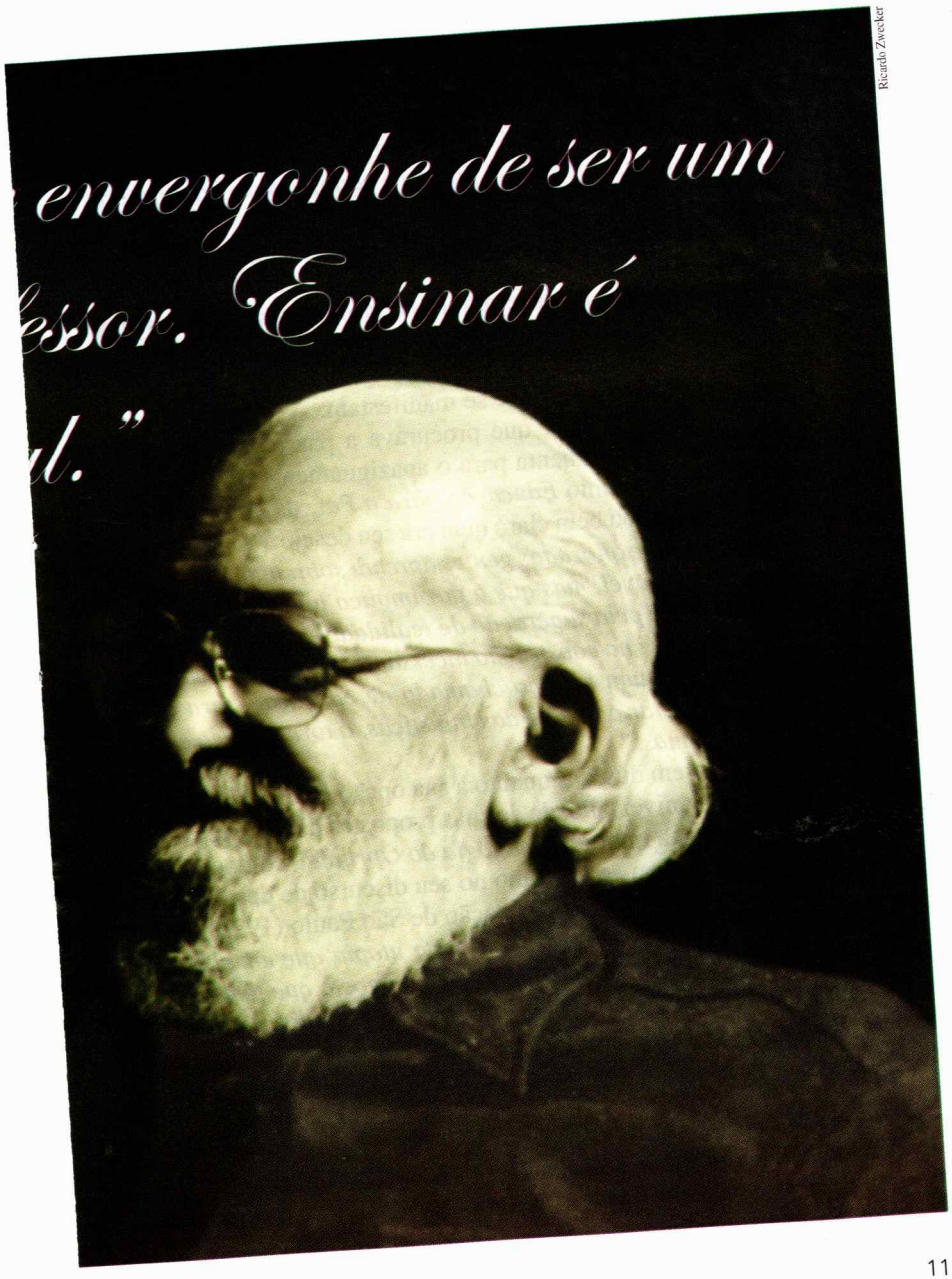
Esperarei por ti como o jardineiro
que prepara o jardim para a rosa
que se abrirá na primavera."

Assim continua sendo, em nós, Paulo Reglus Neves Freire.

"Não existe nada que
professor. Eu sou um
absolutamente fundam

**Depois de alguns dias na prisão, Paulo Freire foi procurado por um c
que disse a ele haver muitos recrutas analfabetos no quartel e, send
um professor, se poderia alfabetizá-los. Resposta óbvia de Paulo Fre**

"Mas, meu filho, é exatame
por fazer isso que estou preso!"



Ricardo Zvecker

Um "incompreendido" muito bem compreendido

Muitas vezes, ao se avaliar a importância da obra de Paulo Freire e o impacto que causou na realidade brasileira e internacional, foi comum tachá-lo de um "incompreendido". Grande engano. Ele foi muito bem compreendido e, por isso mesmo, é amado e admirado por muitos e rejeitado por outros tantos.

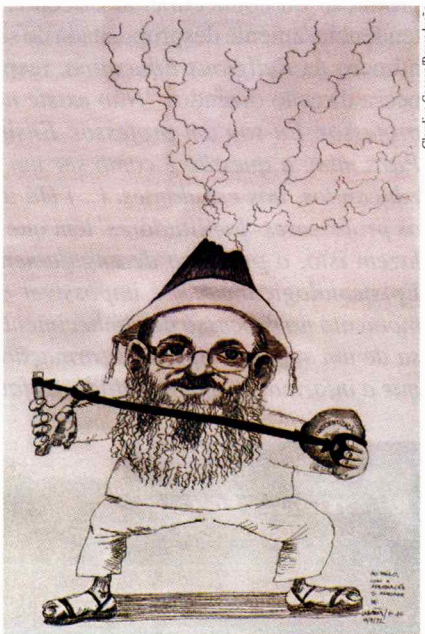
Paulo Freire não era (e nem poderia ser) uma unanimidade. Fez uma opção pelo enfrentamento político e existencial e, dessa forma, só um resultado anódino de suas idéias e práticas conseguiria situá-lo no altar ascético (e inerme) daqueles que são aceitos por qualquer um. Afinal, mede-se, também, o alcance do que se faz pela qualidade dos adversários que se encontra e das oposições que se manifestam.

Dele foi dito, por exemplo, que procurava a paz e sua pedagogia dialógica era dela uma ferramenta para o apaziguamento dos conflitos. Contudo, ao receber o prêmio *Educação para a Paz,* da Unesco (Paris, 1986), Paulo Freire deixou bem claro qual era seu desejo: *"De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi sobretudo que a paz é fundamental, indispensável, mas que a paz implica lutar por ela. A paz se cria, se constrói na e pela superação de realidades sociais perversas. A paz se cria, se constrói na construção incessante da justiça social. Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças, o torna opaco e tenta miopisar as suas vítimas."*

Para os que tivessem dúvidas quanto à sua opção de classe (tentando inferir uma pretensa universalidade de suas propostas pedagógicas e políticas) legou não só sua imortal *Pedagogia do Oprimido* como, em inúmeras ocasiões, expressou-se tal como no seu discurso de despedida do cargo de secretário Municipal de Educação de São Paulo (1991): *"Meu gosto de ler e escrever se dirige a uma certa utopia que envolve uma certa causa, um certo tipo de gente nossa. É um gosto que tem que ver com a criação de uma sociedade menos perversa, menos discriminatória, menos racista, menos machista que esta. Uma sociedade mais aberta, que sirva aos interesses das sempre desprotegidas e minimizadas classes populares e não apenas aos interesses dos ricos, dos afortunados, dos chamados 'bem-nascidos'".*

Alguns o entendiam como arrogante. Jamais o foi. O que Paulo Freire não portava era aquela falsa modéstia característica dos pedantes. Sabia do valor de seu trabalho e dele se orgulhava; não se considerava um

mártir por ter se exilado e, numa fala sobre o exílio e o retorno (consignada no livro *Essa Escola Chamada Vida*, escrito com Frei Betto, em 1985), mostrou isso ao dizer que *"... a minha convivência com homens e mulheres que haviam exposto suas vidas na luta, que haviam perdido companheiras e companheiros tombados junto a eles, mas que falavam sem arrogância de sua prática, da prática de seu povo, com respeito a ele, sem dar a impressão de proprietários da verdade —, tudo isso, que se acrescentava ao que já aprendera no trato humilde do contexto de empréstimo relativizando o sofrimento do exílio, me preparava também para, na volta, dizer o que disse: vim para reaprender o Brasil, não para ensinar os que aqui ficaram como 'exilados internos'."*



Claudius Ceccon/Reprodução

Vulcão: Paulo Freire fez uma opção consciente pelo enfrentamento político e existencial

Para as pessoas que se preocupavam sempre com a lentidão de algumas mudanças sociais necessárias ou com a exagerada cautela com que muitos imergiam na tarefa transformadora, deixou um sábio conselho (no número 13 da revista *Psicologia Atual*, em 1980): *"Eu poderia dizer que a relação paciência–impaciência está no coração da tensão existencial. Toda existência é perigosa, não há existência sem tensão. Se você rompe essa polarização em favor da paciência, você cai no 'vamos deixar como está para ver como fica'. Então você ajuda o* status quo. *Se você rompe em favor da impaciência, então você cai no ativismo, no voluntarismo, na manipulação. Ambas as formas de ruptura implicam, no meu entender, numa falsa visão da história. Numa incompreensão do histórico enquanto processo. Não posso deixar as coisas como estão para ver como ficam porque a história não é nenhuma potência que paira sobre nós: nós nos*

fazemos e nos refazemos. E a ruptura em favor da impaciência nos leva ao voluntarismo que enfatiza a subjetividade na relação. Esse voluntarismo é idealista, metafísico, não histórico, não dialético."

Paulo Freire, por valorizar a cultura popular, sofreu ainda a acusação de desprezar os conteúdos científicos e de banalizar o papel docente na produção do conhecimento discente. Ele ria muito dessa interpretação tendenciosamente despropositada de seu pensamento. Em 1984, no quarto número da *Religious Education,* respondeu novamente a uma pergunta nessa direção dizendo: *"Não existe nada que me envergonhe de ser um professor. Eu sou um professor. Ensinar é absolutamente fundamental. Para mim, a questão é como ser um professor que facilita o saber aos educandos, aos estudantes. (...) Há um certo momento em que também os professores 'facilitadores' têm que ensinar alguma coisa. Se eles não fazem isto, o processo de engajamento como o ato de conhecer pára. Epistemologicamente, é impossível conhecer sem informação. Há um momento no processo de conhecimento no qual o sujeito cognitivo precisa de um segundo tipo de informação. Precisamente neste momento em que a informação é demandada, os facilitadores têm que ensinar, porque*



Com Erundina, de quem foi secretário de Educação de 1989 a 1991

Acervo Vitor Ana Maria Araújo Freire

Paulo Freire era portador de uma doença mental que nele, felizmente, foi incurável: uma obsessão esperançosa pela liberdade coletiva, com a qual contaminou milhares e milhares de mulheres e homens pelo mundo afora. Era, de fato, um comportamento anti-social, por representar sempre uma recusa à "normalidade" acatada como insuperável.

No exercício militante de sua psicopatia, Paulo Freire engravidou a muitos e muitas com algumas idéias subversivas:

- A ruptura do "porque aqui é assim" principia pela recusa à ditadura dos fatos consumados e à ditadura fatalista de um presente que aparenta ser invencível;
- É preciso ter a audácia de reinventar, em conjunto, o humano e, com ele, uma ética da rebeldia, uma ética que reafirme nossa possibilidade de dizer não e que valorize a inconformidade;
- Ser humano é ser junto. É necessário negar a afirmação liberticida de que "a minha liberdade acaba quando começa a do outro". A minha liberdade acaba quando acaba a do outro; se algum humano ou humana não é livre, ninguém é livre. Se alguém não for livre da fome, ninguém é livre da fome. Se algum homem ou mulher não for livre da discriminação, ninguém é livre da discriminação. Se alguma criança não for livre da falta de escola, de família, de lazer, ninguém é livre.
- É preciso resgatar a paixão por uma idéia irrecusável: gente foi feita para ser feliz. E esse é nosso trabalho; não só nosso, mas também nosso. Paixão pela inconformidade de as coisas serem como são; paixão pela derrota da desesperança; paixão pela idéia de, procurando tornar as pessoas melhores, melhorar a si mesmo ou mesma; paixão, em suma, pelo futuro.

Paulo Freire não chegou, como desejava, ao século XXI; no entanto, por causa dele, o próximo século não chegará sem sua psicopatia amorosa. Por isso, e, de novo, por causa dele, não posso concluir sem um depoimento na primeira pessoa.

Há 25 anos estava eu em São Paulo, no primeiro ano da universidade, começando o curso de filosofia. Paulo Freire, em nome da liberdade coletiva, estava exilado na Suíça.

Um quarto de século depois (e 45 dias antes da morte de seu corpo) ele, ao entregar-me em sua casa um exemplar de seu último livro, *Pedagogia da Autonomia*, escreveu como dedicatória: "Para Mário, com a alegria da velha amizade." Fiquei desconcertado e, claro, nada falei no momento, para não diminuir um afago sincero. Ora, já recebera antes outras demonstrações de carinho da parte do Mestre;



Foto dos anos 40, da entrada da casa de Nita Freire, em Recife

no entanto, essa dedicatória deixou-me intrigado. Como pôde escrever "velha amizade"? De onde tirara ele a idéia (sem dúvida desejada por mim) de que eu pudesse ser considerado não só amigo, mas um velho amigo? Afinal, essa expressão tem uma carga afetiva que ultrapassa a noção de tempo.

Saí de sua casa e fui dar aulas; no caminho, por várias vezes, abri o livro e mirei a dedicatória, com um misto de orgulho e espanto. Chegando à PUC-SP, fiquei na sala de meu departamento por quase uma hora, pensando naquela situação. Será que eu, sinceramente, merecia aquele tributo? Teria eu, de fato, o direito de sentir-me lisonjeado? Conclui que sim; não por ser eu quem sou, mas por ser um educador.

Nossa amizade começou há 25 anos, quando, de forma clandestina, os estudantes líamos cópias camufladas de seus textos; depois, quando entrei na carreira docente, passei a utilizar alguns de seus livros como conteúdo curricular. Finalmente, em 1979, quando retornou do exílio, estava eu entre os milhares que foram recebê-lo no Teatro da Universidade Católica de São Paulo (Tuca); ali pude vê-lo pessoalmente pela pri-

meira vez. Ali, emocionado, chorei sua chegada – e, infelizmente, em 1997, no mesmo lugar chorei sua partida.

Entre 1979 e 1988, vivenciei sua presença várias vezes; contudo, entre 1989 e o início de 1991, tive um privilégio jamais imaginado: passar horas diariamente com o Mestre, em seu gabinete de secretário Municipal de Educação de São Paulo. Havia um momento especial: todos os dias ele precisava assinar mais de 400 documentos que por mim eram levados. Sempre reclamando da quantidade (e de mim que, naquele instante, encarnava a burocracia), o Mestre ficava mais de uma centena de minutos na atividade automática de colocar a assinatura em papéis antes exaustivamente examinados pela sua assessoria. Quanto mais demorava esse trabalho, mais eu apreciava, pois, enquanto o fazíamos, conversávamos sobre vida, história, amorosidade, política e, como agregador disso tudo, educação. Calculo termos tido umas 600 situações desse tipo e esse foi o mais longo e melhor "curso" que fiz em minha vida. De 1991 até a morte de seu corpo, tive outro privilégio: ele aceitou ser meu orientador no doutorado e, assim, continuei minha "alfabetização de adulto".

Agora, com a quebra do convívio, só posso dizer: Paulo Freire amou intensamente as educadoras e os educadores; um amor concreto, feito de palavras e ações. Todos e todas éramos seus "velhos amigos" e (como insistiria ele) "velhas amigas".

Adeus, velho amigo.

* Texto atualizado e sintetizado, originalmente publicado em 1997 na revista *Fluxo* (Educ), dos alunos de ciências humanas da PUC-SP, pouco depois da morte de Paulo Freire.



MARIO SERGIO CORTELLA
Filósofo, doutor em Educação e Currículo pela PUC-SP, na qual professor do Departamento Teologia e Ciências da Religi foi secretário Municipal de Educação de São Paulo (1991-1992)

REVISTA
EDUCAÇÃO
Edição Especial
Paulo Freire e a Sedução da Esperanç
ISSN: 1415-5486

Edição:
Carolina Costa
Texto:
Mario Sergio Cortella
Direção de Arte:
Ricardo Alves de Souza
Foto da capa:
Tom Zimberoff
Reproduções dos quadros:
Alexandre Rielo
Revisão:
Camila Plati e Viviane Rowe

Distribuição exclusiva para bancas em todo Brasil:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
Rua Teodoro da Silva, 907
Rio de Janeiro (RJ)

Editora Segmento
Rua Cunha Gago, 412, 1º andar
CEP 05421-001 – São Paulo (SP)

Central de atendimento ao assinante
De 2ª a 6ª feira, das 8h30 às 18h
Tel.: (11) 3039-5601 – Fax: (11) 3039-56
E-mail: assinatura@editorasegmento.com.b
acesse www.editorasegmento.com.br

EDUCADORES: CONHEÇAM HOJE AS TENDÊNCIAS E O FUTURO DAS INSTITUIÇÕES DE AMANHÃ

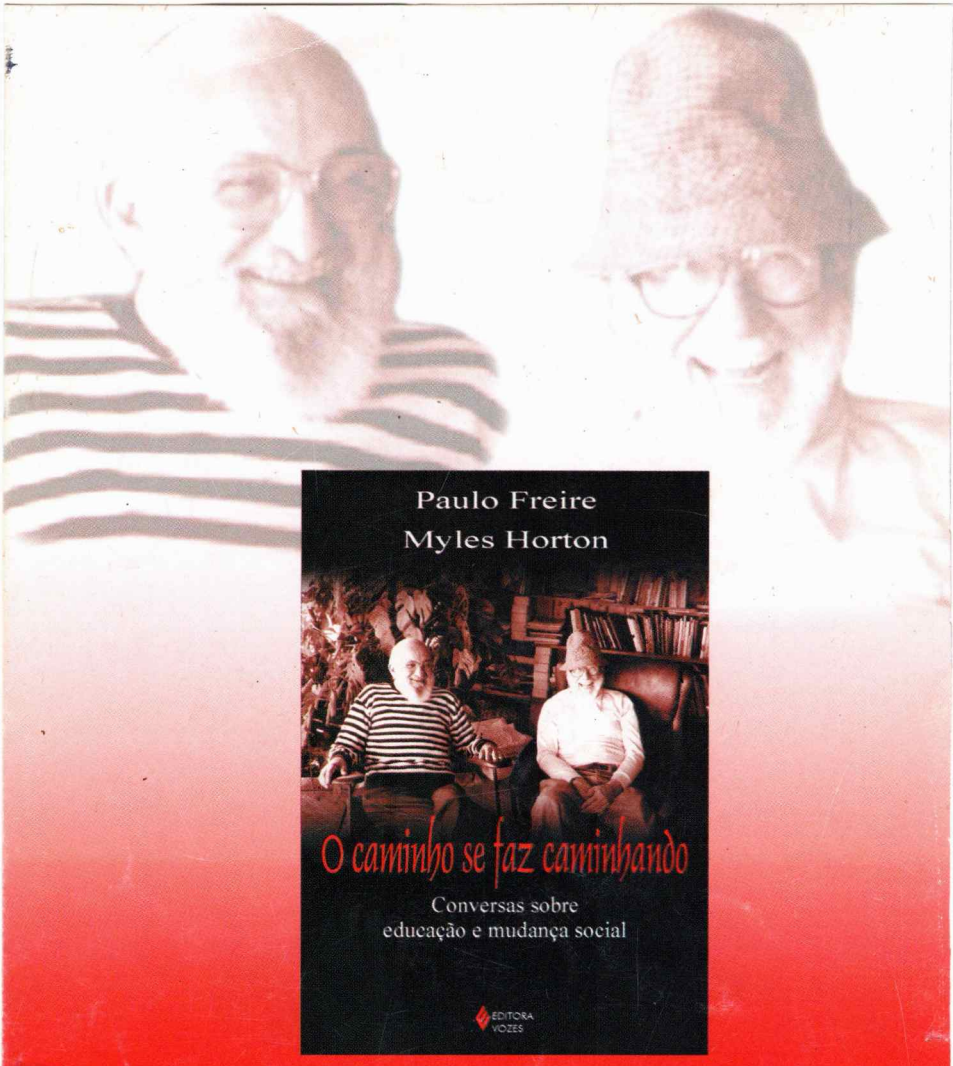
Publicação pioneira, **Ensino Superior** aborda os principais temas, idéias, pontos de vista e propostas voltadas para a melhoria na qualidade de ensino e formação dos alunos. É imprescindível para o debate entre mantenedores, professores e educadores sobre os avanços do ensino de graduação no País. Leia e participe das principais correntes de pensamento do Ensino Superior no Brasil.

O melhor conteúdo e cobertura sobre o que acontece de mais importante no Ensino Superior do Brasil.



INFORMAÇÕES:
(11) 3039.5601

www.editorasegmento.com.br



Texto inédito que traz um diálogo entre dois dos maiores ativistas-educadores do século XX: Paulo Freire (Brasil) e Myles Horton (EUA).

Adquira essa obra pelos telefones (24) 2233-9029 / (24) 2233-9042, o site: www.vozes.com.br

a Vozes ou nas erência.

F000173

EDITORA VOZES